

À Sombra do Mandacaru

A saga de um cabra arretado

J. C. Troyman

Copyright José Carlos Ramos Troyman

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s)
Autor(es) proprietário(s) do Direito Autoral

Troyman, J.C.

À Sombra do Mandacarú / J.C. Troyman – São Paulo

À Sombra do Mandacaru

Dedico este livro à minha grande inspiradora e meu amor eterno, Ivany, minha mulher.

À SOMBRA DO MANDACARU

A saga de um cabra arretado

Até hoje ele ainda sentia o ardor da chibatada que levara no rosto. Passou o dedo de leve na cicatriz que lhe marcava diagonalmente a face direita, começando perto do olho e chegando até à linha do queixo.

— Filha minha nunca vai se enrabichar por qualquer excomungado filho de muié dama.

O coronel Basílio, senhor da fazenda São Jorge do Cipó, dono de uma extensão incomensurável de caatinga, era a última palavra na região em qualquer transgressão à paz.

Era assumidamente o juiz supremo em qualquer querela ou desacordo de família, roubos ou crimes de morte ocorridos dentro dos limites de suas terras.

A fazenda, inclusive, contava com duas ou três vilas, melhor dizendo, colônias de trabalhadores que cuidavam das lavouras incipientes, sem mencionar o canavial, localizadas em terras onde havia algum acúmulo de água ou umidade, assim como apascentavam as suas cabras, suas vacas, em resumo, tudo o que pudesse ser considerado seu patrimônio.

O homem era rigoroso, ditatorial, irredutível quanto à sua palavra dada, impiedoso.

Em três casos, agindo como advogado de acusação, júri e juiz, condenara à morte três supostos criminosos, dois homens e uma mulher. Os dois homens fora por assassinato comprovado e inclusive testemunhado, a mulher, uma prostituta, cuja única culpa fora ser desejada por dois homens que brigaram por ela até a morte de um deles.

O sobrevivente da briga fugiu, ninguém mais pôs os olhos em cima. Mas a mulher pagou o pato, certamente por incentivar o crime, não importava se voluntariamente ou não.

Nesses casos, mandava seu lugar tenente, um caboclo vesgo, o Linhaça, tão ruim ou ainda pior que seu patrão, executar a sentença.

Linhaça levava a vítima, arrastada por dois capangas até um grotão que ficava a certa distância do casarão da fazenda. Embora longe, conforme o vento se conseguia ouvir o tiro fatal.

Enquanto passava o dedo de leve pela cicatriz, ele lembrava o dia em que, muito pequeno, tiraram-no de sua mãe e a levaram.

Nunca mais a viu. Só muitos anos mais tarde, ele ficou sabendo pelos outros moleques da colônia o que tinha acontecido a ela.

Perguntou diversas vezes à mulher que o criou, mas ela nunca quis dar uma resposta aceitável. Falou apenas vagamente que ela tinha morrido de mal do peito.

Mas essas coisas não se escondem por muito tempo.

Alguns anos depois, já adolescente, uma das velhas que viviam na fazenda da caridade do coronel, por terem trabalhado por lá a vida inteira, no leito de morte, contou a ele toda a história, da briga entre os dois trabalhadores, a mulher tinha deitado com um e depois com o outro e da sentença de morte que fora ordenada pelo coronel.

Contou também que quando a levaram para a execução, os três, o Linhaça e os dois capangas, antes de matá-la a tinham estuprado.

Com isso, qualquer que fosse a índole do rapaz, boa ou ruim, um grande ressentimento começou a se insinuar em seu íntimo, assim como a determinação de

matar todos aqueles que tiveram a ver com a morte de sua mãe.

A começar pelo Linhaça e pelos dois capangas e por fim o coronel. Esse seria com requintes de crueldade, requintes esses com que sonhava acordado.

Quando estava sem outros pensamentos na cabeça, apenas as mãos ocupadas com o trabalho e a cabeça livre, ficava fazendo planos sobre o que faria quando tivesse a chance.

Deixou-se ficar na fazenda, efetuando todos os serviços que lhe eram mandados, deixando seu corpo tomar forma.

Aos dezoito, o trabalho na lida tinha moldado sua musculatura, se tornando um homem forte e espadaúdo, impondo respeito a qualquer outro homem da fazenda.

Foi ai que começou a notar a presença de Laurinha, filha do coronel, eu não diria presença, mas a proximidade.

Onde quer que estivesse, às vezes até na lida, ele via, de frente ou mesmo com o rabo do olho a figura leve e delicada da moça.

Ela nunca o encarava, mas ele sentia, mais que a presença, a energia proveniente de seu olhar. Às vezes, você não está vendo, mas sente que alguém está olhando.

Um dia, estava limpando o estábulo, carregando todo o esterco para fora, Laurinha surgiu a seu lado, uma bilha d'água na mão, que chegou a sua boca e ele, sem pensar, sorveu o líquido sofregamente.

Após beber, ficou estático, as mãos caídas ao longo do corpo, fitando Laurinha, olho de um no olho do outro.

Suas mãos estavam sujas, seu corpo tresandava a bosta de vaca, mas Laurinha não se importou, lábios tocaram um no outro, inteiramente intencional por ela e atônita e simplesmente, aceito por ele.

Laurinha correu e desapareceu, antes que alguém visse.

Mas alguém viu. A última pessoa que poderia ter visto: Tonho, um dos capangas de Linhaça.

Tonho não acreditou mas no fundo sabia o que tinha visto. E sabia também que seria interessante ficar com os olhos abertos.

Ficou matutando o que poderia fazer para obter uma vantagem da situação, nada lhe ocorreu de imediato, então ele deixou ficar, deixou amadurecer, mais cedo ou mais tarde algo lhe ocorreria.

A marca indelével da chicotada era uma constante em seus pensamentos, volta e meia passava a mão de leve sobre ela. Pensava.

“Um dia essa cicatriz vai desaparecer, no dia em que eu fizer o mesmo com o excomungado. Aí, sim, não vou mais sentir a dor e o vexame”.

E a vida continuava, E o adolescente se tornando homem, adquirindo cada vez mais, corpo e músculos.

Seu instinto dizia que quanto mais peso carregasse, mais fácil, mais leve ele se tornava.

Então, era por aí o caminho.

Passou a assumir os trabalhos mais pesados, a ajudar aqueles que não conseguiam executar a contento seu trabalho, devido às agruras do trabalho na lida, à deficiência alimentar, à dieta exclusiva de feijão, mandioca e jerimum e ocasionalmente um pedaço de carne seca que sobrava da mesa do patrão.

Mas era pouca carne seca para muita gente. Eram perto de cem empregados, com suas respectivas famílias, onde imperava o amarelão, as doenças infantis e principalmente o descaso.

Seu nome era Vicente. No início, apenas Vicentinho.

De um tempo para cá, tinha espalhado uma série de alçapões e armadilhas, onde conseguia capturar calangos, uma ou outra paca, ocasionalmente um tatu.

Era esse o alimento que o diferenciava dos outros, embora sempre sobrasse um pouco da carne para uma ou outra criança que lhe era mais chegada, nunca deixando de partilhar o pouco que tinha mas que era mais do que necessitava.

Pouco a pouco aqueles que dele de uma forma dependiam, passaram, inicialmente, a lhe pedir a opinião em uma série de assuntos e pouco a pouco a lhe pedir não mais opiniões, mas sim conselhos, o que começava a se tornar perigoso, principalmente por que o Coronel Basílio começou a se aperceber do que estava acontecendo e a criar um rancor por aquele porcaria filho de uma rameira que fora para a cama com praticamente todos os homens da fazenda.

A mulher, segundo diziam, tinha um apetite sexual insaciável por qualquer macho que lhe passasse pela frente, e não era necessário pedir mais de uma vez para que ela lhe abrisse as pernas em qualquer lugar mais ou menos escondido ou à sombra, tanto que ela criou fama em toda a região.

O Padre Emílio, que vinha uma vez por mês rezar a missa na capela da fazenda, batizando e dando extrema-unções conforme fosse o caso, sempre com uma boa gratificação do Coronel Basílio, chegou ao ponto de recomendar ao coronel que desse um fim na tal mulher.

Até o ponto em que o coronel aproveitou a oportunidade da Rita ter servido de motivo para um crime de morte, para resolver definitivamente o problema.

O menino que se virasse, sempre haveria alguém pronto a criar mais um filho que seria uma mão a mais para prover a casa de quem se habilitasse.

E assim fez, falava-se à boca pequena que a briga fora provocada e o assassino seguira ordens do coronel por qualquer cinquenta mil réis.

E lá estava o Vicentinho órfão, na realidade uma cobra sendo criada que poderia trazer dissabores sem conta ao coronel e sua família.

E agora estava se tornando um problema de maior gravidade, que demandaria uma ação mais enérgica por parte do coronel.

Mandar matá-lo não poderia, pois os motivos seriam por demais óbvios.

Haveria a necessidade de se criar um motivo, pois Vicentinho era por demais querido por todo o pessoal, exceção, é claro, de alguns desafetos que não teriam coragem de peitar o garoto.

Foi então que sugeriu ao Linhaça que pensasse em alguma coisa para resolver o problema, não fosse o referido um homem da sua maior confiança.

O Linhaça sabia de muitas coisas da vida do patrão, que o incumbia de trabalhos não confessáveis, geralmente fora dos limites da fazenda.

Inclusive, cochichava-se que o próprio comandante da guarda, o equivalente a um delegado, se valia dos conselhos e da ajuda do coronel e do Linhaça para resolver alguns problemas fora do âmbito da polícia.

Na realidade havia uma troca de favores entre o comandante e o coronel. Era comum os dois resolverem mutuamente os seus problemas, principalmente quando se precisava fazer desaparecer fulano ou sicrano.

Ocorre que na fazenda, nem mesmo Linhaça tinha muita vontade de afrontar Vicentinho, que já tinha uns quinze centímetros de altura a mais que o lugar tenente do patrão.

Tonho sabia que o coronel ansiava por um motivo para desaparecer com Vicente, não fora ele, Tonho, companheiro das andanças do Linhaça. Sabia que mais cedo ou mais tarde o Linhaça e o coronel se deparariam com um motivo, não importa se legítimo ou não, de dar um fim no garoto. Ele não desgostava do rapaz, mas estava pronto para cumprir qualquer ordem que viesse lá de cima.

O pior de tudo era que Tonho tinha um filho, menino de seus onze anos, nem ele como pai sabia direito, que era o melhor amigo do Vicente e que por mais de uma vez trouxe para casa alguma caça que tinha partilhado com aquele a que o coronel tencionava dar fim.

E isso vinha criar um impasse na lealdade de Tonho ao coronel, pois se fosse incumbido de

desaparecer com o rapaz, certamente isso envolveria o seu filho, Onofre assim chamado.

E agora havia o beijo que havia vislumbrado, entre Vicente e Laurinha. Com certeza, não fora iniciativa do rapaz, mas obviamente fora da moça.

Na mente de um homem sem instrução, apenas condicionado a ter uma obediência cega pelo seu patrão e provedor, a não ser permitido admitir qualquer dúvida sobre alguma instrução ou mesmo desejo vindo de cima, tudo isso colocava em sua cabeça um início de dúvida, pode-se dizer um início de confusão sobre o seu comportamento em caso de qualquer ordem emanada de cima.

A diferença entre Linhaça e Tonho era que Linhaça era cruel, se deliciava em ser cruel, principalmente com aqueles mais fracos, em que sabia que não haveria qualquer ameaça de retribuição ou vingança. Era cruel pela crueldade em si, não por necessidade; já Tonho era simplesmente um pau mandado que não discutia os motivos que levavam o coronel a tomar a suas atitudes, era cruel por ordem de cima, que não afetasse seu conforto, em suma era cruel por comodismo, sabia que qualquer reclamação contra uma ordem dada só poderia ser prejudicial a ele próprio.

Se recebesse qualquer ordem visando Vicente, Tonho antevia que teria que pensar na amizade que seu filho nutria por ele e que, no fundo de sua estultícia, se criaria um conflito de ideias que não gostaria de antever. Deixaria para resolver quando chegasse a hora. Sabia que, inclusive, essa ideia não sairia de sua cabeça, que volta e meia teria que pensar na decisão a tomar.

De uma coisa sabia com certeza, não queria magoar o filho e no fundo, tinha uma certa estima pelo Vicente.

Quanto ao coronel, não tinha qualquer dúvida, só esperava descobrir um motivo para tomar a decisão, motivo que não lhe criaria maiores cuidados, apenas justificaria sua consciência com fato de ter feito uma coisa que era apenas necessária, nada mais.

Não tinha a menor noção que sua filha, Laurinha tinha uma forte queda pelo garoto. Se tivesse, aí estaria o motivo para a decisão. Não titubearia duas vezes.

O prenúncio de beijo, o roçar dos lábios que Laurinha provocara, deixara a moça em um estado de excitação que nunca tinha experimentado.

A menina de quatorze anos mal completados, menina em corpo de mulher, seios e quadris já

formados, era muito pouco menina e muito mais mulher. Já se cansara de ver cabras e cavalos se reproduzirem, já sentira vontade de experimentar o sexo em si, sentira o desejo tomar conta de seu organismo, mas jamais sentira o que sentira quando do beijo em Vicentinho, o suor frio que perolou seu lábio superior, o suor que sentira escorrer pelo meio dos seios, descer pelas costas e pelo meio das nádegas.

Por isso correria, como querendo fugir daquele universo em que descobrira, de repente, que o amor entre um homem e uma mulher envolvia muito mais que o sexo em si.

E Vicente continuava sua labuta, aproveitando toda oportunidade de utilizar sua força, tanto em suas tarefas diárias, como, principalmente, ajudando os outros em suas dificuldades, seja carregando sacas de sementes e de rações, madeira utilizada em reformas e construções, trocando rodas de carroças quebradas, empurrando qualquer veículo atolado e mesmo animais presos nos charcos de lama formados pelas chuvas.

E quem ganhava com isso, era ele, seu corpo se desenvolvendo mais e mais, costumava dizer que no dia em que tivesse que enfrentar uma onça, faria isso de peito aberto, sem mais armas que um pedaço de pau. Claro que havia ali bastante arrogância, mas ajudava a

formar um caráter e um renome que de forma alguma lhe faria mal.

O próprio Linhaça não teria qualquer chance de enfrentar Vicente desarmado, mesmo que estivesse de peixeira na mão.

Apenas para ilustrar, certa vez um dos camaradas da fazenda bebeu mais que seu juízo mandou e puxando a peixeira, falou alto de bom som que naquele dia iria sangrar o primeiro filho da puta que ousasse desafiá-lo, fosse quem fosse.

Nesse momento, passou Vicente puxando uma carrocinha cheia de tijolos, e foi exatamente a ele que o nosso amigo embriagado resolveu desafiar. Sabedor que Vicente era muito forte, achou que era boa a oportunidade de ali fazer o seu nome.

Postou-se à frente do caminho do rapaz, brandindo sua faca e dizendo para quem ouvisse que aquele era o dia que Deus no céu iria receber aquele moleque safado, filho de muié dama.

Foi o suficiente para que Vicente parasse de empurrar o carrinho e se postasse à frente do desavisado, calmo e tranqüilo, sem dizer uma palavra. Parou e esperou.

O cabra falando alto, que iria mostrar para todos quem era ele, que iria acabar com Vicente com um golpe só.

Vicentinho calmamente esperou, sem dizer uma palavra, o sangue subindo-lhe aos olhos, apenas aguardando que o outro tomasse a iniciativa para mostrar o que faz um filho de muié dama.

O falastrão tinha ousado dizer a única coisa que poderia tirar o rapaz do sério: chamar a mãe dele de muié dama, fosse ela o que fosse.

A calma e a falta de medo do garoto foram tirando o cabra do sério, que estava esperando que o outro se ajoelhasse pedindo misericórdia.

A excitação do camarada chegou ao ponto em que nada mais poderia acalmá-lo e resolveu investir contra o menino.

Deu um salto à frente, com a peixeira em riste, apontando para o peito de Vicente, mas quando chegou lá, o peito já não estava mais no mesmo lugar.

Sentiu apenas uma mão de ferro segurar seu pulso e torcê-lo para trás, fazendo com que a faca caísse no chão. A dor lancinante que sentiu quando o pulso quebrou foi maior que a que sentiu quando a ponta de

sua própria peixeira rasgou-lhe a coxa, uma corte de aproximadamente uns vinte centímetros, profundo, que fez o sangue jorrar e escorrer pala perna abaixo.

Caiu ao chão chorando pela dor, esquecido da valentia e pedindo que tivessem pena dele, que ele tinha tropeçado e não conseguira acertar o peito do garoto. Na próxima vez, o garoto iria ver

Tonho vira tudo e preferira não interferir. Se o garoto morresse, com certeza o coronel ficaria feliz. Se matasse o cabra, o coronel mandaria que acabassem com ele.

Mas ele não fez nada disso. Apenas se esquivou do outro, quebrou-lhe o pulso e deu-lhe um talho na perna com a sua própria peixeira.

O cabra caído no chão, Vicente chegou-se a Tonho e entregou a peixeira. Disse apenas que não tinha a menor vontade de ficar com a faca do outro.

Quando Tonho contou ao Linhaça e ao coronel o acontecido, Linhaça perguntou ao se queria que desse um fim em Vicente.

O coronel disse que absolutamente, não era hora de fazer qualquer coisa contra o Vicente, que ele era muito popular entre todos os seus empregados, era para

eles um herói e qualquer coisa que fizessem contra ele o transformaria em um mártir.

Nenhum dos dois entendeu essa história de mártir. Estava além da compreensão deles.

Tonho passava as horas ensimesmado, pensando em uma eventual ordem que poria fim ao amigo de seu filho e que com toda a certeza, jogaria o seu filho definitivamente contra ele.

Onofre era tudo para ele e no fundo de sua rudeza, era o único amor de sua vida, o único amor que tivera, e pelo qual viraria o mundo de pernas pro ar se necessário.

E o grande amor de Onofre era Vicente, era quem realmente importava, seu ídolo, muito mais que Tonho. Por Vicente, ele seria capaz de proezas sem fim, era aquele a quem considerava pai. Porque Tonho, apesar do amor que sentia, era incapaz de uma palavra de afeto, de camaradagem, de interesse. E o Vicente estava sempre pronto para qualquer coisa, para ir caçar passarinho, para ir pescar, para bater uma bola, o que apenas eventualmente acontecia, porque qualquer coisa que fizesse, teria que fazer longe do recinto, ninguém da casa grande podia ver o moleque brincando sem nada

que fazer, logo tinham que mandá-lo fazer qualquer coisa, era ele quem fazia tudo bem feito.

Nhá Miloca, mulher do coronel não podia vê-lo à toa, sempre tinha um afazer para o rapaz, que invariavelmente atendia a seus pedidos com um sorriso, com uma presteza a toda a prova. Na realidade, pela doçura que ela demonstrava para com ele, ela era a mãe que nunca tivera.

O coronel Basílio sabia dessa ligação entre o rapaz e Nhá Miloca e estava consciente que no dia em que tivesse que tomar qualquer ação contra Vicentinho, teria que agir de forma a que não deixasse qualquer vestígio de sua participação no ocorrido. Apesar de doce, Miloca, quando zangada, tinha um gênio de cão e jamais perdoaria o marido se percebesse o dedo dele em qualquer coisa que envolvesse o garoto.

Garoto é forma de dizer, era o homem mais alto e espadaúdo da fazenda, já tinha um vozeirão que por si só era capaz de espantar qualquer um que não estivesse com a mente turvada pela bebida.

E Laurinha, perdidamente apaixonada por ele, a mãe já tinha percebido há tempo, todo mundo percebia, só o coronel, graças a Deus que não.

E Vicente ia passando, indiferente, trabalhando em prol dos seus objetivos, de se tornar alguém independente da família do coronel. Afinal, sabia, pelas leituras de alguns livros que Nhá Miloca lhe emprestava, que ninguém é dono de ninguém, que houve uma época em que os homens eram donos de grandes quantidades de outros homens e mulheres que iam buscar na África, trazidos acorrentados e vendidos em mercados feitos para esse tipo de comércio, mas isso fora há muito e muito tempo. Hoje era proibido, embora se soubesse à boca pequena que em algumas propriedades lá pros lados do interior, ainda se praticava tal costume, em que as pessoas eram mantidas presas sob a vigilância de capangas e dormiam acorrentadas para não fugirem durante a noite.

Então foi se formando em sua cabeça que alguém tinha que acabar com esse costume, alguém com raça, alguém com colhão, que tirasse essas pessoas da posse de outras mais poderosas.

Em seu íntimo, sentia que era uma medida que só poderia ser efetuada à força, mesmo que precisasse dispor de um grupo bastante grande de pessoas..

Isso ele sabia, que a força de uma idéia pode levar os homens a conseguirem quaisquer objetivos que lhe passassem pela cabeça.

E ele sabia que querer era poder, ele mesmo era a prova disso.

E o mais importante era que não bastava ele ter a idéia sozinho, os outros também teriam que abraçar a mesma idéia. E para isso, alguém teria que convencê-los a adotarem essas idéias.

Era isso o que se passava em sua cabeça, não levando em conta o coronel, Nhá Miloca, Laurinha e todos os outros dentro daquela pequena comunidade.

Uma coisa era certa: não estava a fim de obter qualquer vantagem do que viesse a fazer. Seu objetivo era o homem, não a terra.

Difícil é transformar os sonhos em realidade, embora não lhe faltasse a força de vontade que fosse necessária.

E essa transformação seria muito cara, tanto em termos pecuniários como em termos de disciplinar as idéias, suas e dos outros.

Um dia, estava levando as cabras do coronel para um pasto onde havia uma nascente, onde a água fez brotar um capim verde que as cabras adoravam.

Tinha que ter muito cuidado, tinha que controlar o que as cabras estavam comendo, pois a cabra não pasta como as vacas. As vacas não arrancam a grama, simplesmente cortam o capim com os dentes, deixando as raízes, enquanto que as cabras e as ovelhas arrancam a erva junto com as raízes, tornando muito difícil que naquele lugar o verde se recomponha em pouco tempo.

Quando se incumbia de pastorear as cabras, deixava-as comer por um determinado espaço de tempo e depois levava-as de volta, complementando o capim com uma ração que era preparada ali mesmo na fazenda, obtida pela moagem do milho que era separado como escória, um pouco do capim do pasto que não tinha mais serventia para as vacas e restos de algumas folhas que restavam das cenouras. Enfim, chegava-se a uma ração que funcionava, e que não podia ser considerada como lixo.

A propósito o coronel tinha bastante estima por aquelas cabras, mais pela tradição do que por qualquer interesse financeiro. Na realidade, muita gente vivia das cabras, principalmente por causa do leite que era de boa qualidade e permitia que se fizesse um bom queijo.

Nesse dia em que apascentava as cabras, eis que surge Laurinha, passeando com Edite, sua empregada pessoal, ex ama de leite, agora amiga de confiança.

Vicente não se surpreendeu, não era a primeira vez que Laurinha aparecia de repente em um lugar em que ele estava. Com certeza a própria Edite ou outra pessoa de confiança lhe dava conta das andanças do rapaz.

As duas ficaram ali perto, correndo atrás dos cabritinhos, e foram se chegando para perto do local em que Vicente estava sentado, fingindo que não estava nem um pouco preocupado com a presença das duas ali naquele local.

Embora não fosse aparentemente do seu interesse, Laurinha, depois do beijo, estava começando a atrair o garoto, era uma coisa linda, sadia, com umas pernas muito bonitas e com os seios já formados espetando a frente do vestido.

Oi, Vicente — Laurinha falou, para chamar a atenção dele.

Era óbvio que o aspecto distraído dele não enganava ninguém, as mulheres, com certeza, possuem um sexto sentido no tocante a sentir instintivamente os

sentimentos dos homens, principalmente daqueles por quem estão interessadas.

— Oi — respondeu vagamente o garoto.

Vicentinho tinha medo que alguém o visse trocando palavras com Laurinha, pois dependendo de quem fosse, iria direto cochichar no ouvido do coronel. E o que quer que ele falasse com ela, seria interpretado do jeito do pai, que logo imaginaria que ele já teria violentado a menina, pelo menos umas três vezes.

— Laurinha, por favor, me deixe em paz aqui no meu canto, deixa eu fazer o meu trabalho.

O garoto sabia perfeitamente que ainda não era hora do acerto de contas com o coronel, ainda não estava pronto para isso.

— Ora, não estamos fazendo nada de mais, — retrucou a menina. A pobrezinha não tinha a menor idéia do que era o pai e do que ele era capaz. E talvez não acreditasse que ele pudesse fazer alguma coisa com o Vicente.

Ele levantou-se e começou a tocar as cabras de volta para o abrigo, logo iria escurecer. Ele foi e as cabras foram atrás. E mais atrás as duas moças.